

A construção identitária de “masculinidade frágil” em mídias sociais: uma análise discursiva em depoimentos de Instagram

Edmilson dos Santos Flor Junior,
Laurenia Souto Sales e Marluce Pereira
da Silva

Edmilson dos Santos Flor Junior

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB,
Brasil

Email: edmilsonsfj@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1845-0096>

Laurenia Souto Sales

Universidade Federal da Paraíba – Mamanguape, PB,
Brasil

E-mail: laurenia.souto@academico.ufpb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7462-9755>

Marluce Pereira da Silva

Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa, PB,
Brasil

Email: marlucepereira@uol.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2300-4659>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar de que forma ocorre o processo de constituição identitária do sujeito masculino frente às noções de masculinidade construídas discursivamente pela sociedade. Para tanto, apoiamos-nos nos postulados teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de vertente materialista com filiação em Pêcheux (1995, 1999), especificamente, no que se refere à noção de memória discursiva, e em Hall (2020), quanto à concepção de identidade. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativo-interpretativista dos dados, com corpus composto por depoimentos retirados do Instagram. A partir da análise, observamos que os entrevistados se afastam de uma visão hegemônica sobre masculinidade, trazendo à tona novas formas de performar suas identidades e mostrando que elas são complexas e estão abertas a efeitos de sentido.

Palavras-chave: Masculinidade frágil; memória discursiva; identidade; Análise do Discurso.

The identity construction of “fragile masculinity” on social media: a discursive analysis of Instagram testimonials

Abstract: This article aims to investigate how the process of identity constitution of the male subject occurs in relation to notions of masculinity discursively constructed by society. To this end, we rely on the theoretical and methodological postulates of Discourse Analysis from a materialist perspective, drawing on Pêcheux (1995, 1999), specifically with regard to the notion of discursive memory, and on Hall (2020), with regard to the concept of identity. This is a qualitative-interpretative research, with a corpus composed of testimonials taken from Instagram. Based on the analysis, we observed that the interviewees distance themselves from a hegemonic view of masculinity, bringing to light new ways of performing their identities and revealing that these identities are complex and open to multiple meaning effects.

Keywords: Fragile masculinity; discursive memory; identity; Discourse Analysis.

La construcción identitaria de la “masculinidad frágil” en las redes sociales: un análisis discursivo de testimonios en Instagram

Resumen: Este artículo tiene como objetivo investigar cómo se produce el proceso de constitución identitaria del sujeto masculino frente a las nociones de masculinidad construidas discursivamente por la sociedad. Para ello, nos apoyamos en los postulados teóricos y metodológicos del Análisis del Discurso desde una perspectiva materialista, con base en Pêcheux (1995, 1999), específicamente en lo referente a la noción de memoria discursiva, y en Hall (2020), respecto a la concepción de identidad. Se trata de una investigación con enfoque cualitativo-interpretativo, con un corpus compuesto por testimonios tomados de Instagram. A partir del análisis, observamos que los entrevistados se distancian de una visión hegemónica de la masculinidad, sacando a la luz nuevas formas de performar sus identidades y mostrando que estas son complejas y están abiertas a múltiples efectos de sentido.

Palabras clave: Masculinidad frágil; memoria discursiva; identidad; Análisis del Discurso.

Introdução

Desde a Antiguidade, a forma como os homens são representados pelas sociedades nas mais variadas formas de expressão humana – principalmente, na mídia e na literatura – tem se respaldado em relações hierárquicas violentas que defendem a superioridade da figura masculina frente à feminina, já que o homem é considerado viril e racional enquanto a mulher é frágil e do lar. Esse pensamento patriarcal, o qual classifica um gênero como dominante ao outro, mesmo após a popularização de diversos movimentos feministas – sobretudo, da segunda onda do feminismo, nos anos de 1960 a 1980, nos Estados Unidos¹ –, parece perdurar até os dias de hoje, configurando, por um lado, um cenário de apreço a algumas características masculinas e heteronormativas e, por outro, de rejeição a todos os corpos que diferem desse padrão.

A ideia de que o homem deve ser um “macho” corajoso, forte e viril perpassa o senso comum de diversas famílias, de modo que, desde a infância, os meninos são levados a seguir hábitos de comportamento que buscam legitimar não somente seu gênero, mas também sua sexualidade. Partindo desse ponto, ancorados na análise materialista do discurso de Pêcheux (1995), compreendemos que essa noção construída e circulante no ideário popular é determinada pelas formações discursivas que interpelam ideologicamente os sujeitos, ou seja, o sentido atribuído à masculinidade “não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas no processo sócio-histórico” (Pêcheux, 1995, p. 160).

Desse modo, o presente estudo tem como objetivo, pelo viés da Análise do Discurso materialista de orientação pecheutiana, compreender como ocorre o processo de construção identitária dos sujeitos masculinos a partir da noção de “masculinidade frágil”. Para isso, analisamos comentários – tomados por nós como práticas discursivas – divulgados em um post na rede social Instagram, cujo conteúdo é voltado a uma série de entrevistas nas quais homens expõem situações em que suas masculinidades foram questionadas.

Isso posto, sistematizamos nosso plano de texto da seguinte forma: na introdução, situamos brevemente nossa pesquisa em um cenário teórico-metodológico; em seguida, discutimos sobre sexualidades e masculinidades, tendo como ponto de partida os estudos culturais de Louro (2015) e Butler (2018), além dos processos de subjetivação e de memória discursiva, a partir dos postulados de Pêcheux (1995, 1999) e de construtos teóricos de Indursky (2011); na sequência, descrevemos nossos procedimentos metodológicos e, a partir deles, a análise dos dados; por fim, tecemos nossas considerações finais.

Breves considerações sobre sexualidades e masculinidades

Como é sabido, o culto à superioridade do homem – ou, mais especificamente, à virilidade do masculino – tem ecos datados há milhares de anos e sempre esteve presente em diferentes sociedades

¹ A segunda onda do feminismo foi um movimento histórico que teve como principais pautas a legalização do divórcio e do aborto, tendo como uma das principais representantes a filósofa Simone de Beauvoir.

e manifestações culturais. Em sistemas monárquicos mais tradicionais, sempre se viu a figura feminina como objeto de reprodução, cujo propósito de vida era dar à coroa um herdeiro homem, pois somente este era capaz de assumir o mais alto cargo na linha de sucessão, sendo, portanto, capaz de dominar todo o povo. Decerto que a figura do provedor como responsabilidade do homem e a figura de reprodutora como característica da mulher perderam força ao longo dos anos, mas ainda assim influenciam a forma como muitas pessoas enxergam as organizações sociais nos dias de hoje, basta atentarmos, por exemplo, para a dificuldade de descriminalizar o aborto no Brasil, bem como para o grande número de mulheres que ainda são dependentes de seus maridos por não terem tido oportunidade de deixar o lar para estudar e/ou trabalhar.

Não podemos falar sobre masculinidade e deixar de falar sobre corpo. Louro (2015) compreende que o corpo é determinado pelas dimensões sociais, isto é, a forma como um indivíduo se mostra ao mundo passa pelos processos de subjetivação de outros indivíduos. Por esse motivo, segundo a autora, são os corpos que situam os sujeitos em um tempo-espaco e é justamente essa determinação que mostra quais ambientes se pode frequentar, a quem se pode dirigir e que posições hierárquicas se assume no mundo. Para compreendermos melhor essa tese, podemos analisar o código de comportamento de um grupo de pessoas em um júri. Um advogado que quer ganhar uma causa a favor de seu cliente, por exemplo, deve seguir uma série de regras que partem, em um primeiro momento, do seu desempenho verbal, mas que também estão inscritas no seu corpo: na sua forma de se vestir de modo formal e na sua postura ereta, que lhe passa confiança. Do mesmo modo, um sujeito que pretende passar um dia de sol na praia não será visto com bons olhos se estiver vestindo paletó e gravata, pois, nesse ambiente, as regras sociais, por assim dizer, são outras.

Nessa conjuntura, as relações de poder inscritas sobre os corpos não se limitam apenas aos rituais de passagem por ambientes mais ou menos formais, mas atingem também os gêneros. Para muitas pessoas, o corpo feminino ainda não está autorizado a assumir diversos cargos de poder que, até então, eram restritos apenas aos homens. Fato é que, dos quase 40 presidentes eleitos no Brasil, apenas uma mulher chegou a tal posição e, quando conseguiu, deparou-se com discursos que diminuíam sua capacidade de governar em função do seu corpo e do seu gênero.

O modo como os corpos atribuem status de poder às pessoas e a maneira como o homem é visto como superior à mulher acaba por atingir, como que em efeito rebote, os próprios homens. Para Butler (2018), o gênero social é fruto de uma performance, isto é, do modo como o sujeito se mostra para o mundo. Por esse motivo, já que há uma tradição de compreender os homens como provedores, viris e fortes, qualquer pessoa também homem que fuja desse padrão tem sua sexualidade questionada, como se fosse um “macho com defeito”. Esse embate certamente intensificou-se com a chegada da modernidade e da pós-modernidade, quando houve um crescente de movimentos sociais que deram mais visibilidade a pessoas que até então eram totalmente silenciadas, como os homens gays. É, pois, desse contexto que advém a relação entre gênero, sexualidade e masculinidade.

Durante muito tempo, e até mesmo hoje, ainda que com menos frequência, viu-se o homem gay como um indivíduo que quer ser mulher. Isso ocorre, entre outros motivos, ao fato de, frequentemente,

fugirem dos traços hegemônicos de masculinidade, e, por isso, são, muitas vezes, alvos de preconceito por uma forma “afeminada” de se portar. Com o avanço das pautas LGBTQIAPN+, já sabemos que esse pensamento está totalmente equivocado, pois não há relação direta entre fugir de um padrão de masculinidade e ser gay. Essa associação existe tão somente como uma forma violenta de punir homens que não atendem às expectativas de uma comunidade, colocando-os numa posição de masculinidade frágil.

No que concerne à sexualidade, para Carvalho (2011, p. 15), “a ideia da masculinidade postulada atualmente diverge das concepções anteriores, causando o que muitos alegam ser de crise da identidade masculina”. Nesse enquadramento, existem formas subalternas de masculinidade que nascem em resistência à noção cristalizada do que é ser masculino, noção esta que violenta mulheres e homens gays, por atribuírem a esses grupos posições de inferioridade na hierarquia social. A masculinidade é, portanto, uma construção histórica e, por assim ser, tem raízes que são “cambiantes e provisórias, e estão, indubitavelmente, envolvidas em relações de poder” (Louro, 2015, p. 85). Por esse motivo, acreditamos que há, na atualidade, diferentes modos de manifestar a masculinidade, o que, muitas vezes, gera embates com pré-construídos, inscritos em uma memória discursiva do que é ser masculino. Essas questões, inevitavelmente, reconfiguram as constituições identitárias do sujeito masculino, fazendo delas um produto das práticas sociais e discursivas emergentes na modernidade.

Considerações sobre subjetivação, pré-construídos e memória discursiva

Para Pêcheux (1995), o reconhecimento do indivíduo como sujeito do discurso dá-se pelas relações ideológicas de uma dada Formação Discursiva (FD). Nesse sentido, é somente no processo de interação, em condições específicas de produção do discurso, que o ser biológico passa a ser sujeito ideológico, ganhando vida em uma rede de enunciados socialmente marcados. Esse sujeito, que é interpelado ainda que inconscientemente pela ideologia, é assujeitado, não é dono dos sentidos que produz, mas é atravessado por eles.

A interpelação, isto é, a transformação dos indivíduos em sujeitos do discurso, ganha corpo a partir dos construtos teóricos de Althusser, para quem a ideologia se dá no plano concreto e material. Na sua visão, os humanos sempre agem por meio de princípios ideológicos e suas ações não são materialidades aleatórias e descontextualizadas, como se fossem dadas no vácuo, mas ocorrem por meio de uma relação eu-outro. No momento em que o indivíduo entra em processo de interação com outro indivíduo, eles, ao mesmo tempo que reconhecem um ao outro como sujeitos, permitem ser reconhecidos dessa forma, ocupando espaços que lhes são determinados historicamente.

Ao transpor os pensamentos althusserianos para a AD, Pêcheux (1995, p. 156) reconhece “o efeito do pré-construído como a modalidade discursiva da discrepância pela qual o indivíduo é interpelado em sujeito, ao mesmo tempo que é sempre-já sujeito”. Sob a ótica do autor, a ideologia tem papel dominante sobre o que se pensa sobre algo ou sobre alguém, já que o sentido atribuído às coisas do mundo é sempre material. Para ele, o caráter material do sentido se dá a partir de duas teses:

1) O sentido de uma palavra ou expressão não existe em si mesmo: ele é determinado pelas posições da materialidade ideológica, de forma histórica e socialmente situada. Dito isso, o modo como se compreende um enunciado não é o mesmo para todas as pessoas, já que a ideologia é fluida e muda nas FD em que se encontra.

2) Toda FD dissimula, na transparência de sentido que nela se forma, a objetividade material do discurso, pois ela se constitui a partir de pré-construídos, ou seja, a partir de algo que diz “sempre antes, em outro lugar e independentemente, isto é, sob a dominação das formações ideológicas” (Pêcheux, 1995, p. 162).

Dessa maneira, a visão pecheutiana de interpelação está centrada na identificação do sujeito com a FD que tem, sobre ele, certo domínio. Nesse processo, o sujeito se identifica como tal a partir da identificação do outro, adotando uma posição-sujeito, preenchida de aparatos ideológicos, materiais e históricos. Assim, enunciar, a partir de uma FD, é se subjetivar, trazendo para si uma responsabilidade e um espaço insubstituível, tendo em vista que o processo de subjetivação “se inscreve necessariamente na ordem histórico-social, recebendo da ordem social e cultural os rituais que administram modos de ser e de estar em dada formação social” (Magalhães; Mariani, 2010, p. 405).

A partir do princípio de interpelação, identificação e subjetivação, chegamos à noção de repetição, condição necessária para se pensar em memória discursiva. Para Indursky (2011), na Análise do Discurso, repetir é um movimento que, embora também possa assim ser, supera a mera reprodução *ipsis litteris* de palavras. Repetir, no sentido que adotamos, está relacionado, preponderantemente, à reprodução que os sujeitos ideológicos fazem de certos discursos, de modo a identificar-se, contrair identificar-se ou, até mesmo, a desidentificar-se com sentidos pré-construídos em dadas FD. Em outras palavras, na concepção materialista, o fenômeno da repetição parte do pressuposto de que os discursos não são isolados socialmente um dos outros, mas derivam de discursos já ditos em outros momentos, ainda que o sujeito que os produz não tenha consciência desse movimento. Esse sujeito, então, situa-se em uma cadeia sócio-histórica-discursiva, concordando ou discordando de enunciados que foram proferidos antes, em um dado espaço e em um dado tempo, repetindo-os.

Compreender o discurso como uma rede de jogos de identificação implica compreender que os sentidos não são dados a priori da enunciação, mas no momento em que se enuncia. Quando produzem linguagem, os sujeitos produzem concomitantemente os sentidos atribuídos a ela, podendo “atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizarem para outra FD, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido” (Indursky, 2011, p. 71). No que diz respeito à noção de masculinidade, por exemplo, acreditamos que, ao se deparar com alguns discursos, as pessoas podem identificar-se, desidentificar-se ou contrair identificar-se com o que se costuma falar sobre o ser masculino, mobilizando, em maior ou menor grau, alternâncias de sentido dentro de uma mesma FD ou espalhando-se de uma FD para outra.

Nesse viés, pensar sobre as noções de masculinidade e produzir discursivamente enunciados referentes ao assunto faz de nós seres pertencentes a uma dinâmica de interdependência de enunciados, em que o nosso dizer sempre carrega outros dizeres, pelo princípio da repetição. Os dizeres prévios, para

Pêcheux (1999), fazem parte do esquecimento, visto que nem sempre temos consciência do que já foi relatado, mas, mesmo assim, temos os pré-construídos em nossa memória. Dessa interpretação, nasce a noção de memória discursiva, vista como “aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível” (Pêcheux, 1999, p. 52).

A memória discursiva é, assim, um conjunto de enunciações proferidas e esquecidas em um dado momento e que representam ideologicamente as coisas no mundo (Orlandi, 2006). Dessa forma, partimos do pressuposto de que há, no que se refere à noção de masculinidade, uma memória cristalizada que determina, em diversas sociedades ocidentais, a figura do homem forte, másculo e dominador. Essa memória costuma se repetir em enunciados como “homem não chora” ou “homem de verdade não é covarde” e todos os sujeitos que divergem desses construídos têm seus gêneros e sexualidades questionados, como se seguir determinado padrão fosse determinante para ser aceito ou não em alguns lugares. Logo, na enunciação “vão se mobilizando sentidos já cristalizados, agitando as redes de filiação ideológica pela repetição-reestruturação-desestabilização de dizeres já sedimentados socialmente” (Grigoletto; Nardi, 2022, p. 101), constituindo, assim, a memória do dizer.

Apontamentos metodológicos

Tomando como base a discussão teórica realizada anteriormente, em uma pesquisa de natureza interpretativista e de abordagem qualitativa, a categoria da subjetivação e o modo como ela manifesta as identidades orienta o percurso analítico do nosso artigo. Sua aplicação foi realizada em depoimentos do Instagram, na forma de relatos orais e escritos, em uma postagem que discute o termo “masculinidade frágil”² (Oliveira, 2024). Na publicação, foram entrevistados, em vídeo, homens que responderam às perguntas “já duvidaram da sua masculinidade?” e “o que é ser homem pra você?”. Como reação às respostas da entrevista, foram escritos, no mesmo post, comentários de usuários homens e mulheres, tratando do mesmo assunto. Com isso em mente, a partir desse material, fizemos recortes de algumas Sequências Discursivas (SD) para análise, com vistas a compreender em que medida as respostas às perguntas – tanto dos entrevistados como dos comentadores – retomam uma memória discursiva sobre o ser masculino, podendo ou não criar uma espécie de identificação – e, conseqüentemente, de recondução das identidades – com discursos cristalizados socialmente.

A partir disso, nosso corpus é composto por três depoimentos, a partir dos quais geramos cinco SD para análise, de modo que três SD se referem à pergunta “já duvidaram da sua masculinidade?” e duas à interpelação “o que é ser homem para você?”. Desses, dois depoimentos são orais, presentes no vídeo, e um é escrito, presente na seção de comentários: todos proferidos por homens. Os vídeos foram transcritos, levando em consideração as expressões dos sujeitos (suas entonações e grau de formalidade) e, posteriormente, foram analisados. Para dar conta dos aspectos extralinguísticos,

² O *post* ao qual nos referimos pode ser encontrado no perfil @anaterra.oli (Oliveira, 2024).

realizamos o uso de colchetes nas transcrições para marcar pontos que consideramos relevantes à análise.

Ainda em relação aos aparatos teóricos e metodológicos, retomamos Butler (2018) para afirmar que o gênero – e, ao nosso ver, também a masculinidade – tem estreita relação com a performance, isto é, com o modo como o indivíduo se apresenta ao mundo. Isso significa que o modo de se vestir, a forma como se fala e as relações interpessoais que os sujeitos estabelecem no mundo material são determinantes para que se construa um rótulo de homem mais ou menos masculino / mais ou menos “feminino”, já que ser homem passa pelo crivo de uma memória de dizer inscrita em FD que determinam maneiras de ser e estar nos espaços de convívio. Por esse motivo, em nossa análise, tomaremos como base esses aspectos a fim de determinarmos a forma como ocorrem os processos de constituição identitária dos sujeitos masculinos ao se depararem com as perguntas supracitadas.

Como reação à memória do que é ser masculino, é possível que os sujeitos corroam os discursos da ordem heteronormativa, trazendo ao plano discursivo novas performances de masculinidade, questionando a hegemonia popular e tornando-se, para Pêcheux (1995, p. 215-216, grifos do autor), o “mau sujeito”, que se “contra-identifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva”. Vejamos como isso ocorre no corpus selecionado.

A “masculinidade frágil” na cena do discurso: movimentos de análise

Antes de adentrarmos na análise propriamente dita, convém esclarecer melhor a origem do material que compõe nosso corpus. Atriz, pesquisadora e estudante de psicologia, Anaterria Oliveira, administradora do perfil do qual foram reconhecidas nossas SD, ganhou destaque na internet após sair às ruas entrevistando pessoas aleatórias sobre temas como gênero e sexualidade. Com perguntas como “você sabe onde fica o clitóris?” e “qual foi a pior coisa que uma mulher já te fez?”, a entrevistadora acende debates calorosos na rede, ao colocar em conflito opiniões contrárias sobre assuntos de cunho social, denunciando, com maior ênfase, o machismo presente em diversos espaços. Apesar do currículo, Anaterria não leva sua opinião de especialista para as abordagens que faz, criando, em certa medida, um afastamento pessoal – e não uma neutralidade – em relação às respostas dos entrevistados, o que, por consequência, faz com que os pontos de vista se concentrem com maior ênfase nos discursos dos seus seguidores, que interagem com ela a partir de comentários em suas publicações.

Neste artigo, analisamos um vídeo produzido por Anaterria Oliveira (2024) que versa sobre a “masculinidade frágil”. Se compreendemos, a partir de Butler (2018), que o gênero é uma performance, a masculinidade frágil se enquadraria em um paradigma em que os homens não atendem às características hegemônicas de uma dada sociedade/cultura, não reafirmando, portanto, sua posição de “macho alfa”. Para a composição da nossa investigação, realizamos análise de cinco SD: (1) quatro delas são de origem oral, de dois entrevistados que responderam às perguntas “já duvidaram da sua masculinidade?” e “o que é ser homem pra você?”; (2) e uma delas é de origem escrita, de um comentarista que reagiu ao vídeo. Partindo, então, do pressuposto de que há uma memória discursiva cristalizada socialmente de que a

masculinidade se refere ao “viril”, ao “forte”, ao “provedor” – memória essa construída pelas repetidas e reiteradas normas de regulamentação e materialização do sexo dos sujeitos Butler (2018) –, vejamos como os sujeitos reagem à pergunta “já duvidaram da sua masculinidade?”³:

SD1: Vários amigos quando vão sair de noite assim tipo é all black e eu já vou tipo todo colorido. É um conceito que vem de muitos anos. *É até ruim de falar, mas é cultural.* Você duvidar da masculinidade ou questionar a masculinidade, né? Como se um homem questionando a masculinidade de outro homem ele tá se protegendo de ser questionado da própria masculinidade, quase que como um espelho, né? Pra você apontar o dedo pra você tirar a visão sobre você mesmo. Acho que existe uma grande insegurança com a masculinidade, né? (grifos nossos).

SD2: Duvidam por isso. Pelo fato de você ser. *Não ser condicionado a um negocinho, né?* Do que é o ser homem [no momento, o entrevistado fica com o corpo ereto]. Eu nem sei o que é ser homem, né? É muito difícil você definir um termo, né? Você falar assim “ah, o homem é isso, a mulher é isso” (grifos nossos).

SD3: A minha já foi questionada *por eu gostar de cuidar de planta.* E era uma moça que *estava aqui pra um date kkkkk.* Mas, no fundo, qualquer coisa é motivo para questionamento da masculinidade. *De onde vejo hoje a questão, usar o termo masculinidade frágil é um pleonasmo.* A masculinidade de si só se afirma em relação ao outro e de forma hierárquica (no sentido etimológico do termo mesmo, como sagrado, i.e. como inquestionável). Basta ver essa baboseira toda aí de macho alfa (grifos nossos).

Tomando como base o primeiro bloco de SD, percebemos, em um primeiro momento, que a concepção de masculinidade como uma construção social perpassa, de forma mais ou menos evidente, todos os três depoimentos: na SD1, pelo trecho “é até ruim de falar, mas é algo cultural”; na SD2, pelo trecho “não ser condicionado a um negocinho, né?”; e, na SD3, pelo trecho “de onde vejo hoje a questão, usar o termo masculinidade frágil é um pleonasmo”. Porém, é somente na SD1 que essa questão fica mais evidente, já que, na própria materialidade linguística, há a remissão direta ao termo “cultural”. Nas SD2 e SD3, a discussão fica no campo do não-dito, no subtendido.

Ao usar a expressão “negocinho”, o entrevistado da SD2 nos leva a compreender que há uma instância superior que rege a forma como as pessoas se comportam e como são condicionadas a seguir ou a rejeitar determinados hábitos, “negocinho” esse ao qual ele não se submete. Como sabemos, tal instância superior é determinada por pessoas que detém o poder nas lutas de classes – em geral, o homem branco, hétero e cisgênero que performa uma masculinidade hegemônica. Nesse caso, “não ser condicionado a um negocinho” aponta para a construção de novas possibilidades de masculinidades, tendo em vista que o entrevistado em momento algum rejeita sua posição. Pelo contrário, ao proferir “o que é ser homem”, ele fica ereto e se mostra em maior evidência para a câmera, reafirmando-se como homem/masculino, ainda que, para isso, ele precise rejeitar um padrão de performance de gênero.

É importante notar que o entrevistado da SD2 ainda coloca em pauta a crise de identidade da pós-modernidade apontada por Carvalho (2011). Se considerarmos que atualmente vivemos em um mundo

³ As SD1 e SD2 se referem aos depoimentos orais de sujeitos entrevistados em vídeo. A SD3 é um comentário em relação à discussão global da publicação. Mais à frente, os entrevistados das SD1 e SD2 voltam como enunciadore das SD4 e SD5, respectivamente.

de identidades fragmentadas (Hall, 2020), que se transformam conforme as interações sociais e as imposições dos sistemas econômicos, a masculinidade inevitavelmente acompanha tais transformações, fazendo surgir outras formas de ser homem que não dialogam com as formas cristalizadas em memórias discursivas violentas, que tentam padronizar corpos masculinos. O cenário da pós-modernidade justifica a confusão do entrevistado nesta SD, tendo em vista que todos os dias surgem formas diferentes de performar as identidades, o que, conseqüentemente, para o bem ou para o mal de algumas pessoas, faz ser difícil definir o que é ser homem e o que é ser mulher.

Quanto à SD3, o comentarista, ao usar a temporalidade do “de onde vejo hoje”, marca seu enunciado em um ponto da história, o que nos leva a crer que, para ele, no passado, a concepção de masculinidade era outra. Assim, ora o dito ora o não-dito marcam discursivamente – ainda que os sujeitos não tenham consciência disso – as ideologias sobre o homem, operando em enunciações que retomam uma memória do dizer, segundo a qual, em um determinado tempo e espaço, a figura masculina recebe valores e características bem delimitadas. É por esse motivo que, na ótica de Pêcheux (1995), o discurso tem uma memória: ele está inscrito em uma relação com outros discursos que podem ser repetidos ou modificados. Isso leva a crer, conforme defendido por Tavares (2012), que existe, mesmo hoje, em que se há um deslize dos velhos paradigmas identitários, discursos de preservação dos valores hegemônicos e tradicionais, pautados, enfaticamente, por questões de gênero e de sexualidade.

Ao associar o termo “masculinidade frágil” a um pleonismo, o entrevistado da SD3 corrói a memória discursiva do que é ser homem, deslocando-se dela. Ainda que, historicamente, a ideia de ser forte e viril esteja associada ao antifrágil, a necessidade do homem de reafirmar constantemente, em suas performances, a sua masculinidade, pode revelar, em alguns momentos, uma certa insegurança com sua identidade. Segundo Moita Lopes (2003, p. 15), “há nas práticas cotidianas que vivemos um questionamento constante de modos de viver a vida social que têm afetado a compreensão da classe social, do gênero, da sexualidade, da idade, da raça, da nacionalidade etc., em resumo, de quem somos na vida social contemporânea”.

A partir disso, podemos dizer que a própria masculinidade hegemônica também carrega a sua fragilidade. A ânsia pela reafirmação constante dessa performance aponta para uma tentativa reiterada de barrar os questionamentos sobre masculinidade. Por conta disso, quando um homem tenta provar sua força e sua capacidade de prover uma família, por exemplo, ele o faz muitas vezes como uma forma de evitar quaisquer dúvidas em relação à posição social que ocupa em um determinado ambiente, revelando uma masculinidade que se sente sob ameaça.

Os discursos expressos nas SD mostram que os sujeitos compreendem que há um conceito construído sobre masculinidade, mas, ao mesmo tempo em que expressam essa compreensão, também se afastam dela, já que se isentam de se posicionar discursivamente sobre os outros. Na SD1, isso fica evidente quando o entrevistado põe seus amigos de um lado, os “all black”, e ele de outro, o “colorido”. Na cultura popular, a cor preta costuma ser associada ideologicamente ao sério, ao discreto, enquanto o colorido tem ligação com o alegre, com o chamativo, imagem atrelada, reiteradas vezes, à comunidade LGBTQIAPN+ (inclusive na bandeira que a representa). Na SD2 e na SD3, por outro lado, as expressões

“duvidam por isso” (SD2) e “a minha já foi questionada” (SD3) marcam um distanciamento com um terceiro sujeito: o que duvida, questiona. Isso acontece não somente pela reação à pergunta “você já teve sua masculinidade questionada?”, que leva à retomada de um “ele/ela” que contesta, mas também ao fato de que os sujeitos das SD não se identificam com esse grupo de pessoas, movendo, portanto, os sentidos construídos nas FD em que se localizam, uma vez que o pré-construído permite a reconfiguração da forma-sujeito, já que “os indivíduos-agentes agem sempre na forma de sujeitos enquanto sujeitos” (Pêcheux, 1995, p. 214), isto é, o sujeito do discurso age conforme ideologias cristalizadas, de modo a preservá-las ou a corroê-las.

A relação eu-outro, aliás, é ainda mais forte nas SD1 e SD3. Para o entrevistado da SD1, o encontro com o outro não está presente apenas na construção de uma memória discursiva, mas estende-se à sua manutenção, já que o outro, em muitos momentos, não se contenta em apenas seguir o que é socialmente aceito como masculino, como uma forma de se autorregular: ele precisa regular também os homens com os quais convive, “como se um homem questionando a masculinidade de outro homem ele tá se protegendo de ser questionado da própria masculinidade” (SD1). O depoimento da SD1 alinha-se à concepção de masculinidade frágil como pleonismo expressa na SD3, notadamente, quando nela se diz que “existe uma grande insegurança com a masculinidade”, trazendo à tona, mais uma vez, a fragilidade da concepção hegemônica de masculinidade, por tentar, a qualquer custo, sustentar um padrão, como se ele estivesse em perigo.

Na SD3, a relação eu-outro aparece ainda sob a marcação das relações de poder: existe uma hierarquia, uma subordinação entre sujeitos em que um deles é o macho alfa, o “superior”. Daí advém, para o comentarista da SD3, um afastamento ainda maior da memória discursiva sobre masculinidade. Para ele, a noção do masculino como forte é questionável, o que leva, ainda, à compreensão de que, nesse caso, não há hierarquia entre o homem e o outro – nesse caso, o outro feminino –, “basta ver essa baboseira toda aí de macho alfa”. Nessa lógica, em alguns momentos, o outro aparece nessas SDs como aquele homem que julga, que protege os pré-construídos cristalizados sobre a masculinidade viril e forte; porém, em outros momentos, aparece também como o outro feminino que, para o sujeito da SD3, não é inferior, ainda que para história haja relações de ordem social e de subordinação que privilegiam determinados gêneros e desqualificam outros.

Esse outro feminino, além de sofrer a violência, também a prática (SD3: “e era uma moça que estava aqui pra um date kkkkk”), mostrando que o discurso dominante não é reproduzido somente por quem ideologicamente detém o poder, mas também por aqueles que mais sofrem suas consequências. Não queremos com isso colocar a mulher em uma posição de opressora, mas apenas mostrar que as relações de poder, em todas as suas complexidades, fazem com que os discursos machistas sejam propagados, muitas vezes de forma inconsciente, por pessoas que historicamente foram relegadas às margens, o que sem dúvidas mostra que a violência da masculinidade hegemônica, inscrita em uma memória discursiva já cristalizada na sociedade, aliena sujeitos diversos, de modo que o homem hétero/cisgênero não é mais o único propagador desse pensamento, embora seja o mais (ou talvez até mesmo único) beneficiado por ele.

Após termos discutido brevemente sobre essas questões, vejamos agora como os entrevistados das SD1 e SD2 reagem à pergunta “o que é ser homem pra você?”.

SD4: Se você perguntar pros homens o que que é a masculinidade, você já... tipo acho que eles nem sabem. *Acho que a masculinidade tá muito ligada ao meio que você tá, né? E como você aprendeu a ser homem.* E o que que é uma coisa masculina e o como uma coisa masculina geralmente é associada a uma coisa forte e como o feminino é uma coisa diretamente associada a uma coisa fraca e frágil, né? (grifos nossos).

SD5: Que que é ser homem? Tô descobrindo. Isso é uma coisa... é... *É um processo, é um processo...* Por enquanto é isso aqui, ó [nesse momento, o rapaz se mostra para a câmera]. Eu sou esse homem aqui, ó. Não sei quantos por cento de download, mas... (grifos nossos).

As SD4 e SD5 retomam, no plano do que é ser homem, a construção de gênero como algo social e inacabado. Há, nas duas sequências, uma incerteza sobre o que é ser uma figura masculina, mesmo que nas SD anteriores os entrevistados tenham colocado em questionamento a memória do dizer heteronormativa, da qual se distanciam em alguns graus. Reitera-se, assim, a complexidade da definição de masculinidade, justificada, como sabemos, pelas relações sociais da pós-modernidade, na qual as identidades são fragmentadas. Por esse motivo, é difícil para os sujeitos se inscreverem de forma objetiva, o que não impede, por um lado, uma contraidentificação com os pré-construídos da memória discursiva hegemônica de masculinidade, ao mesmo passo que, por outro, ocorre uma identificação com as novas formas de expressão de suas identidades, tão diversas e tão cheias de individualidade.

Retoma-se, assim, a natureza ideológica da masculinidade no plano do cultural (SD4: acho que a masculinidade tá muito ligada ao meio que você tá, né? E como você aprendeu a ser homem) e do histórico (SD5: é um processo, é um processo...), em que o sujeito masculino é reconhecido pelos seus atos, pelas formas como interage com outros sujeitos e pela influência de normas de diversas ordens (Butler, 2018), em especial, familiar e religiosa, as quais tentam, em diversos casos, padronizar alguns comportamentos em nome da moral e dos bons costumes.

A incerteza sobre uma definição de masculinidade, além de pôr em evidência o caráter inacabado e transitório das definições de gênero e sexualidade, também apontam inevitavelmente para os já conhecidos conflitos identitários na modernidade. Para Hall (2020, p. 13), “a identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”, o que se evidencia na SD5 quando se define a masculinidade como descoberta constante em detrimento de uma certeza absoluta. Logo, o sujeito tende a não conseguir se definir por completo justamente porque há, sobre si, um embate cultural e ideológico de formas mais ou menos construídas que dizem “você tem de ser assim”, ao mesmo tempo que também há, por outro lado, uma resistência que pode dizer “não, eu não tenho de ser assim” ou “eu serei assim, mas apenas em partes”. O sujeito é, muitas vezes, um intermédio, daí se cria a confusão.

No que diz respeito à SD4, ao dizer que “tipo, acho que eles nem sabem”, percebemos que o entrevistado também questiona o padrão de masculinidade, ao trazer, para o seu discurso, o pronome

“eles”, que pode ser associado, justamente, aos homens que se alinham ao padrão de masculinidade, sobretudo, porque o mesmo entrevistado, na SD1, apoia seu dizer justamente naqueles que tentam padronizar corpos masculinos. Ocorre, portanto, uma reafirmação da tese de que não há consenso sobre o que é ser masculino nem mesmo dentro de um paradigma normativo, mostrando que as novas formas de performar gênero atingiram até mesmo os terrenos proibidos e até então imutáveis.

Ainda na SD4, o entrevistado retoma a dicotomia forte/frágil associada aos homens e às mulheres. Pelos discursos proferidos nessa e em outras SD, vemos que os efeitos da masculinidade hegemônica atingem todos os gêneros, mas não podemos afirmar que isso ocorre da mesma forma. Enquanto as mulheres são inferiorizadas a um patamar de subserviência, por supostamente não deterem a força necessária para comandar uma família, os homens que adotam formas alternativas de expressar sua masculinidade têm sua honra e moral questionadas, e são rebaixados à vergonha. Conforme apontado por Guerra et al. (2015), homens costumam eleger os valores normativos como fatores de maior importância para a masculinidade, o que aponta para o fato de que, no processo de subjetivação, todos aqueles que não atendem às expectativas do sujeito dominador/viril são colocados em uma posição sem moral.

O que se entende por masculinidade frágil, portanto, ganha força nesse cenário de embates de forças entre os bons costumes e a rebeldia, entre a moral e a transgressão, entre o dogmático e o flexível. Para algumas pessoas, especificamente aquelas que se afastam do paradigma hegemônico de masculinidade, a fragilidade seria uma espécie de receio de fugir do padrão, pois os homens que se alinham à concepção de masculino como viril e forte costumam temer às novas performances de gênero da contemporaneidade, como que se, se assim o fizesse, sua honra seria questionada. Oliveira (2004) atribui tal comportamento à necessidade de conviver em comunidade. Em suas palavras:

a masculinidade enquanto símbolo hegemonicamente valorizado provê satisfação existencial àqueles que creem dela participar, através de condutas e práticas identificadas socialmente como masculinas, mesmo que para isto tenham que suportar duras provas e perigosas experiências, que constituem aquilo que chamo de vivências interacionais da masculinidade (Oliveira, 2004, p. 248).

É por esse motivo que o homem está sempre em uma posição de alerta, seja repreendendo as mulheres, seja repreendendo outros homens, tentando trazê-los sempre para a forma tradicional de comportamento na tentativa de fortalecer o que, na prática, está frágil, corroído pelos novos modos de expressão/performance identitária.

Em face do que foi discutido, percebemos, então, que os sujeitos masculinos entrevistados, ao serem confrontados sobre o papel da masculinidade, inscrevem-se identitariamente em uma dada FD, corroendo, em grande parte, a memória discursiva cristalizada sobre o homem, tido popularmente como alfa, valente e superior. Nesse processo de (re)elaboração de identidades, ocorre a evocação do outro, que é, na maioria das vezes, aquele que segue uma ordem heteronormativa que foi criada pela repetição de discursos que, ao longo do tempo, criaram tal ideal de masculinidade. Aparece também, em menor

grau, a figura do outro como sujeito feminino, o qual sofre e pratica opressão, reconhecido, quase sempre, como frágil e subserviente.

Considerações finais

O nosso objetivo neste artigo foi o de compreender como ocorre o processo de constituição identitária de sujeitos masculinos quando confrontados por uma discussão centrada na ideia de masculinidade frágil. Em vista disso, buscamos apoio principalmente na Análise do Discurso materialista, com foco em Pêcheux (1995), e nas concepções de memória discursiva pensadas pelo mesmo autor e por Indursky (2011).

Como resultados, percebemos que os sujeitos não se identificam com a memória do dizer cristalizada socialmente sobre a masculinidade, a qual interpreta o masculino como a figura de maior posição social hierárquica, por deter o poder, a força, o pensamento e a virilidade. Com efeito, os sujeitos adotam, ainda que inconscientemente, as seguintes concepções:

a) a masculinidade é uma construção ideológica e os sujeitos são levados a agir de uma determinada forma porque foram ensinados assim;

b) a masculinidade cristalizada em uma memória de dizer tende a privilegiar aqueles que seguem essa memória, marginalizando homens e mulheres que desviam dela. Nesse processo, o homem é reduzido a um ser sem valores e sem moral, enquanto a mulher é reduzida a um ser de serviço e de subordinação.

c) a masculinidade é uma concepção criada a partir da relação eu-outro, isto é, aquele que julga/repreende ou aquele que é julgado/repreendido. Nesse sentido, a masculinidade alinhada a uma visão hegemônica possui sua fragilidade por tentar provar a qualquer custo, muitas vezes com discursos violentos e de poder sobre outros grupos sociais, sua posição hierárquica, como uma forma constante de manter sua influência sobre os outros.

Concluimos também que, embora os sujeitos das SD não se identifiquem com os pré-construídos sobre o que é ser masculino, pré-construídos esses repetidos incansavelmente ao longo da história, eles sentem dificuldade de definir o que seria ser homem. Isso ocorre tanto pelas novas formas de expressão identitária da pós-modernidade, em que as identidades são múltiplas e muito diferentes entre si, como também pela força que a memória discursiva sobre masculinidade ainda carrega. Na tensão entre ser forte e viril e ser frágil e vulnerável, os homens não encontram um consenso sobre masculinidade, fazendo dela, muitas vezes, um intermédio entre todas essas características.

Os achados desta pesquisa revelam que os discursos sobre masculinidade e sobre feminilidade são muitos e não se esgotam. No campo das ciências humanas, diversos são os estudos que apontam para a temática, primordialmente, nas investigações da psicologia e das demais ciências do comportamento humano. Nossa investigação, pelo viés da Análise do Discurso de filiação pecheutiana, centrou-se nas concepções de memória discursiva, mostrando que as FD são determinantes para o reconhecimento dos sujeitos como seres tradicionais, transgressores e/ou híbridos, pois são elas que os transformam em sujeitos do discurso. A pesquisa centrou-se também na concepção de identidade (Hall,

2020), compreendida como um processo contínuo de formação e não como um todo acabado. As relações de identidade não são, portanto, algo alheio às práticas sociais e históricas. São, antes de mais nada, um processo de subjetivação de determinado indivíduo inscrito em relações históricas e de poder (Louro, 2015).

Fonte

OLIVEIRA, Anaterria. Cuidado masculinidade frágil! *Instagram*. 6 jun. 2024. Disponível em: <https://acesse.one/pb7W5>. Acesso em: 30 out. 2025.

Referências

- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CARVALHO, Alvaro Monteiro. “Histórias que a vida conta”: a (re-)construção sócio-discursiva de masculinidades. *Cadernos UniFOA*, v. 1, n. 17, p. 43-58, 2011.
- GRIGOLETTO, Evandra; NARDI, Fabiele Stockmans de. “Orgulho de ser nordestino”: uma análise dos modos de dizer o sujeito nordestino e os seus modos de subjetivação. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, v. 25, n. 50, p. 99-122, jul./dez. 2022.
- GUERRA, Valeschka Martins et al. Concepções da masculinidade: suas associações com os valores e a honra. *Psicologia e Saber Social*, v. 4, n. 1, p. 72-88, 2015.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina (Orgs.). *Memória e história na/da Análise do Discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 67-89.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MAGALHÃES, Belmira; MARIANI, Bethania. Processos de identificação e subjetivação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Discurso de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003, p. 13-38.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.
- ORLANDI, Eni. Análise do discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (Orgs.). *Discurso e textualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 13-31.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et al. (Orgs.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- TAVARES, Edgley Freire. Discursividades masculinas. *Alfa*, v. 56, n. 2, p. 427-450, 2012.